

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de Minas (BH) Class.: 280

Data: 25.11.84 Pg.: _____

Assassinos de índio 190 guarani ficam impunes

"Vai ser mais um dos muitos crimes políticos indesejáveis por falta de provas". A previsão, feita três meses depois do assassinato do líder guarani Marçal Tupa-y, por sua filha Edna Silva de Souza, estava correta. No dia 25 de novembro do ano passado, o líder indígena foi assassinado, à noite, na farmácia da Aldeia Campestre, situada no município de Antônio João, Mato Grosso do Sul, por ter se recusado, dias antes, a aceitar Cr\$5 milhões para convencer o grupo Kayova (sub-grupo Guarani) da Aldeia Piracua, em Bela Vista, a abandonar suas terras.

Um ano depois da morte de Marçal, os criminosos continuam impunes. Apesar de a Polícia Federal iniciar as investigações somente dias depois do assassinato, no dia 2 de junho deste ano (quase um ano depois), o principal suspeito, Rômulo Gamarra, foi preso. Os exames balísticos efetuados, apesar do atraso, comprovaram que alguns dos cinco tiros com que Marçal foi morto foram disparados pelo revólver de Rômulo, conhecido na região pelo vulgo de "Paraguaio".

O pistoleiro Rômulo Gamarra, que dois meses depois foi libertado, trabalhava para o latifundiário Astúrio Monteiro e seu filho Libero Monteiro, que pretendiam incorporar a área dos índios Kainva à Fazenda Serra Brava. O jagunço fora contratado para "limpar a área". A fim de cumprir a sua tarefa, Rômulo Gamarra procurou Marçal e lhe ofereceu Cr\$5 milhões para que convencesse os Kayova a deixarem a área indígena Piracua. A investida não deu certo. Começaram, então, as ameaças contra Marçal.

Em 1980, Marçal enviou carta à Fundação Nacional do Índio dando conta de sua apreensão, pois estava constantemente sendo ameaçado de morte pelo jagunço Rômulo Gamarra, o "paraguaio". Naquela época, o pistoleiro havia derrubado uma mata contígua à Fazenda Serra Brava. Em junho daquele mesmo ano, Marçal dizia: "Eu sou uma pessoa marcada para morrer. Mas, por uma causa justa a

gente morre. Alguém tem que perder a vida por uma causa".

Ainda em 1980, Marçal, na sacada do Palácio Episcopal de Manaus, discursava ao Papa João Paulo II, durante sua visita ao Brasil, como representante da grande tribo Guarani, e, falando em nome dos povos indígenas brasileiros ele denunciou os grandes problemas enfrentados pelos índios. "Nossas terras são invadidas — dizia — nossas terras são tomadas, os nossos territórios são diminuídos, não temos mais condições de sobrevivência. Pedimos a Vossa Santidade a nossa miséria, a nossa tristeza pela morte dos nossos líderes assassinados friamente por aqueles que tomam o nosso chão, aquilo que para nós representa a nossa própria vida e a nossa sobrevivência nesse grande Brasil, chamado um país cristão".

Marçal Tupa-y (Pequeno Deus) lamentava, na época, os assassinatos de outros líderes indígenas que, como ele foram mortos cruelmente em defesa de suas terras. Ele lembra de Ângelo Kreta, cacique Kaingang de Mangueirinha, Paraná cuja morte numa emboscada, em janeiro de 1980, deveu-se a sua ferrenha defesa da terra. Na época o Conselho Indigenista Missionário responsabilizava o grupo Slaveiro e a própria Funai. Foi um crime que não chegou a ser elucidado.

Não foi muito diferente o motivo pelo qual fora assassinado o líder Pan-karare, Ângelo Pereira Xavier, no dia 26 de dezembro de 1979, em Brejo dos Burgos na Bahia.

Diante destas mortes, Marçal fez seu lamento ao Papa, pedindo-lhe que "leve o nosso clamor, a nossa voz, por outros territórios que não são nossos, mas que o povo, uma população mais humana, lute por nós, porque o nosso povo, a nossa nação indígena está desaparecendo no Brasil".

Depois de sua morte, os lamentos não são poucos. Em Campo Grande termina hoje uma assembléia indígena, cujo ponto alto foram as homenagens a Marçal e os protestos pela não punição dos autores do seu assassinato.